



Alfaces arroxeadas: Uma alternativa a alfacultura Mato-grossense

Amanda Viana Campos¹; Adalberto Santi²

¹Acadêmica do curso de Agronomia; ²Professor doutor do curso de agronomia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). ²Autor para correspondência: adalbertosanti@unemat.br

No Brasil vem sendo observado um mercado crescente e promissor para os novos tipos de alface, como é o caso das cultivares do grupo Mimosa, Romana e as cultivares de coloração Roxa que são pouco explorados comercialmente (Sala & Costa, 2012). Santana (2009), relata que as variedades de alface roxa encontradas no mercado, possuem essa coloração devido à presença do pigmento antocianina. A demanda da alface roxa iniciou-se com a produção da mini-alface, nos EUA e Europa, promovido para o público infantil. Porém, sua adaptabilidade no cultivo de verão é baixo, devido seu pendoamento precoce (Filgueira, 2005).

A alface roxa se diferencia da alface verde por trazer mais benefícios à saúde, em função da presença de compostos fenólicos fibras e vitamina C, além de possuir maior capacidade antioxidante, podendo ser considerada como alimento funcional (Cecatto,

2012). Atualmente tem-se aumentado as exigências em termos de qualidade por parte dos consumidores, o processo produtivo deve ter como objetivo final produzir hortaliças de qualidade e com elevado valor nutritivo (Carvalho, 2012).

O Experimento

O trabalho foi realizado de junho a julho de 2015 no campo experimental de produção de hortaliças, localizado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Tangará da Serra, 14°37'S e 57°29'O, com altitude de 440,0 metros (FIGURA 1). O solo do local foi classificado como Latossolo Vermelho, textura argilosa e relevo à suavemente ondulado. Durante a condução do experimento não houve precipitação, a temperatura média foi de 27°C, em que, a máxima e a mínima variou entre 33°C e 20°C, umidade relativa do ar de 46%.



Figura 1 – Campo experimental - área de cultivo de alfaces arroxeadas. UNEMAT. Tangará da Serra (MT), 2015.

O solo foi corrigido com a aplicação de 2.720 Kg ha^{-1} de calcário dolomítico e a adubação de plantio foi realizada utilizando-se 200 Kg ha^{-1} de P_2O_5 (superfosfato simples 18% P_2O_5) em uma única aplicação no momento do transplante das mudas, 150 Kg ha^{-1} de N (ureia 45% N) e 60 Kg ha^{-1} de K_2O (cloreto de potássio 58% K_2O). Sendo que o N e o K_2O foram

utilizados de forma parcelada: 20% no transplante, 20% aos 10 dias, 30% aos 20 dias e 30% aos 35 dias após o transplante.

As plantas de alface das cultivares Mila, Maíra, Batávia Cacimba e Prado foram transplantadas para a área experimental quando apresentavam quatro folhas definitivas.



Resultados

Observa-se que tanto para alface 'Mila', apresentou melhor massa fresca total (MFT), como para desempenho entre às cultivares massa fresca comercial (MFC) a (Tabela 1).

TABELA 1. Massa fresca total (MFT) e massa fresca comercial (MFC) das cultivares de alface roxa, UNEMAT, Tangará da Serra, MT, 2015.

Tratamentos	MFT	MFC
	(g/planta)	
Mila	226,0	180,0
Maíra	64,8	52,8
Batávia Cacimba	90,8	71,2
Prado	118,9	102,0

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, A.J.E. de. **Uso de composto de resíduos da indústria têxtil na cultura da alface.** 2012. 48f. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina.
- CECATTO, A.P. **Sistemas de cultivo do morangueiro, figueira e alface sob consórcio e monocultivo em ambiente protegido.** 2012. 199f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- FILGUEIRA, F.A.R. **Novo manual de olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças.** Viçosa: UFV, 2005. 412p.
- SALA, F.C.; COSTA, C.P. Retrospectiva e tendência da alfacicultura brasileira. **Horticultura Brasileira**, v.30, n.2, p.187-194, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-0536201200020002>. Acesso em: 11 mar. 2016.
- SANTANA, C.V.S.; ALMEIDA, A.C. de.; TURCO, S.H.N. produção de alface roxa em ambientes sombreados na região do submédio São Francisco – BA. **Revista Verde**, v.4, n.3, p.01-06, 2009. Disponível em: <<http://revista.gvaa.com.br>>. Acesso em: 04 mar. 2016.